TCC/UNICAMP
R354l
1828 FEF/457

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

"LEÃO NO ESPAÇO DE AULA: COMPORTAMENTO AGRESSIVO DE ALUNOS DE 5as. SÉRIES DURANTES AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA"

PRISCILA CRISTINE RIBEIRO

CAMPINAS, 1998.

UNICAMP
BIBLIOTECA - FEF

TCC/UNICAMP
R354l
1290001828

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

"LEÃO NO ESPAÇO DE AULA: COMPORTAMENTO AGRESSIVO DE ALUNOS DE 5as. SÉRIES DURANTES AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA"

Monografia apresentada como exigência parcial obrigatória para obtenção de título de licenciada na Faculdade de Educação Física da UNICAMP, sob orientação do Prof. Dr. Pedro Winterstein.

PRISCILA CRISTINE RIBEIRO

CAMPINAS, 1998.

Agradecimentos

Primeiramente a Deus, que me deu força para realizar este trabalho.

A meus pais, que possibilitaram que eu chegasse até aqui.

"Qualquer coisa que você possa, ou sonhe que possa, inicie.
A coragem compreende genialidade, poder e mágica"
Goethe

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi verificar a incidência de condutas agressivas entre alunos de 5as séries de escolas públicas e privadas na cidade de Campinas, durante aulas de Educação Física, bem como analisar a respectiva conduta do professor. Essa faixa etária foi escolhida, tendo em vista as tragédias que estão ocorrendo nas ruas, lares e também em escolas, causadas por adolescentes. O problema a que me detenho é justamente o fato de a agressividade poder se manifestar em comportamentos agressivos em diferentes momentos e por qualquer pessoa. Provavelmente todo professor vai se deparar com manifestações de potencial agressivo. É preciso que ele saiba disso e de como vai lidar com a situação. Quando a ação é intencionalmente prejudicial a alguém; é considerada agressiva. Ela pode ser física, moral ou verbal; através de atos ou palavras. Nas três escolas acompanhadas o índice de manifestações verbais foram maiores. O número de manifestações variou de uma escola para outra. Além disso, outras interpretações foram feitas e serão relatadas no capítulo oitavo.

Cap.	Sumário	Pág.
	Introdução	1
1	A Agressividade	4
2	A Adolescência	10
3	E a Escola, como vai ?	15
4	A Educação Física Escolar Atual	21
5	Como a Escola deveria ser	29
6	A Educação Física Ideal	31
7	Metodologia	33
8	Resultados e Discussão	34
9	Considerações Finais	43
10	Referências Bibliográficas	46

INTRODUÇÃO

O episódio ocorre durante uma aula de Educação Física, em que estava sendo realizado um jogo:

Dois alunos, de repente, começam a "se pegar". Um esmurra as costas do outro por vários minutos, enquanto a platéia de alunos pára de realizar a atividade em que estava e começa a torcer, comentar e incentivar os dois "leões".

A briga continua até que o aluno que estava apanhando dá um chute para trás e acerta a canela do outro. Este começa a reclamar de dor e o outro sai correndo.

Esta é uma história que para alguns pode ser encarada como trágica ou triste, mas é a realidade fora e dentro das escolas; no intervalo e até mesmo em aula.

A agressividade é um componente psicológico que pode se manifestar em comportamentos agressivos em diferentes momentos.

O problema a que me detenho é justamente o fato desses comportamentos agressivos poderem ser manifestados por qualquer pessoa (obviamente que varia o grau de indivíduo para indivíduo) e em situações variadas.

Provavelmente todo professor vai se deparar com manifestações de potencial agressivo. é preciso que ele saiba disso e de como vai lidar com a situação.

Meu trabalho não tem como objetivo dar receitas de como intervir em uma briga dos alunos, mas vem para discutir questões relacionadas à agressividade, podendo talvez auxiliar profissionais da educação a conhecer o assunto para lidar com ele.

O objetivo é verificar a incidência de condutas agressivas entre alunos durante aulas de Educação Física no ensino fundamental, mais precisamente de 5as. séries, de escolas públicas e privadas na cidade de Campinas, bem como analisar a origem dos comportamentos e respectiva conduta do professor.

De acordo com BELTRAME et. al. (1995, p.56) "sabe-se que o sentimento agressivo é um estado interno, impulso este que nem sempre é expresso de maneira clara, o que dificulta a sua observação".

Muitas vezes as causas não são explícitas e isto pode gerar um mal entendimento e uma forma errada do professor lidar com a agressão.

Por isso, penso que é preciso entender melhor a agressão para poder lidar com ela. E,

> "para entendermos o que está sendo dito por trás de um gesto agressivo, para entendermos o que ele realmente simboliza, precisamos escutar o inconsciente. Escutar o que está alí, armando relações, mas escondido, oprimido, negado, e que por isso sai no chute, na explosão, no tapa. Porque não está dando para falar" (NOGUEIRA, 1986, p.25).

A agressão pode ser física ou verbal- através de atos ou palavras- e ativa ou passiva- executando mau trato a alguém ou negando-se a fazer algo proposto.

Quando a ação é intencional e prejudicial a alguém, é considerada agressiva. Ou seja, quando o comportamento ocorre não por acidente e é nocivo a outrem, os neo comportamentalistas o definem como agressivo, como você poderá ver no capítulo 1.

No capítulo 2 tratarei do tema da adolescência. Adolescência é um termo utilizado, muitas vezes, como sinônimo de puberdade e juventude. Na verdade ele envolve os outros dois, pois ao termo puberdade podemos dar a definição das mudanças orgânicas que iniciam por volta dos 13 anos nos meninos e 11 nas meninas e que possibilitam a maturação sexual.

Já a juventude é o aspecto social da adolescência, segundo DEBESSE (1946, p.12).

A puberdade é um fenômeno universal, pois todas as pessoas, em qualquer país, passam pelas mesmas modificações físicas, enquanto a adolescência não adota sempre as mesmas características em todas as culturas.

O terceiro capítulo realizará um breve levantamento da situação atual da educação escolar no Brasil, pois, como apontarei no capítulo quarto, não somente a Educação Física enfrenta uma condição difícil atualmente, mas a educação como um todo mostra-se fragilizada, banalizada.

Mas há uma esperança de melhoras, de um futuro mais prestigioso para a educação, chegando a um ponto ideal, que será apontado nos capítulos quinto e sexto.

Uma pesquisa foi realizada a fim de observar o comportamento dos alunos de 5ª séries, mais precisamente as manifestações agressivas.

A metodologia será apresentada no sétimo capítulo e os resultados da pesquisa no oitavo.

No penúltimo capítulo aponto as considerações finais do meu trabalho, defendendo os caminhos pelos quais penso que a Educação Física precisa vir a percorrer.

As referências bibliográficas estão colocadas no último capítulo.

JUSTIFICATIVA

1. Pode-se ver em todos os jornais e revistas o número expressivo de fatos com comportamento agressivo de adolescentes e jovens, não somente no Brasil, mas no mundo todo.

Garotos estão se envolvendo em brigas na rua ou em bares, boates e outros locais públicos, sem falar que estão matando pais, irmãos e namoradas.

Dias destes tornou-se público um caso de homicídio na escola, quando um adolescente matou professor e amigos. Este foi somente mais um caso.

O meu trabalho terá como público alvo garotos e garotas de aproximadamente 12 anos, tendo em vista essas tragédias que estão ocorrendo nas ruas, lares e também em escolas.

Comportamentos agressivos estão se tornando usuais e a melhor compreensão desse assunto mostra-se um campo fértil de investigação.

2. O período da adolescência envolve mudanças biopsicosociais nas pessoas. Estas, por sua vez, exigem uma reinterpretação do corpo, o que pode influenciar na participação - ação motora- dos alunos na educação Física. Por exemplo, é comum ouvir dizer que os adolescentes são "estabanados" e "descoordenados".

3. Além de acarretar mudanças na motricidade, vários autores também citam que o comportamento também se modifica neste período da adolescência. Como ficam as relações afetivas na Educação Física? Será que eles estão mais agressivos?

A AGRESSIVIDADE

A agressividade é uma característica comum a todos os animais. Desde o início da escala zoológica animais disputam espaço, comida, parceiros, a própria sobrevivência.

No ser humano essa concorrência também existe, em uma escala ainda maior.

Uma grande diferença do homem para os outros animais é que estes agem agressivamente por instinto, mas no homem também a razão e a emoção influenciam as suas ações.

Segundo STORR (1991, p. 9) o homem é uma criatura essencialmente agressiva.

Com a exceção de alguns roedores, nenhum animal é capaz de matar seres de sua própria espécie, da maneira como o homem o faz, pois este age agressivamente também por vingança e, às vezes, até por divertimento.

A manifestação da agressividade em forma de agressão sempre acompanhou o homem durante o decorrer da história, no entanto, diferenças podem ser apresentadas quando se fala do homem dito primitivo em comparação com as pessoas pertencentes à sociedade atual.

A agressividade era um requisito para a sobrevivência do homem em outras épocas. Nos tempos atuais,

> "ela deixa de ser uma agressividade necessária frente a um universo hostil. Ela de alguma forma se enriquece, pois perde sua forma natural de defesa para ser uma decorrência da maneira pela qual o homem passa a organizar sua vida em comum com outros homens" (ODALIA, 1991, p.14).

Por motivos econômicos, homens disputam o melhor emprego, melhor salários, o status social, etc. O melhor tem seus privilégios e quem não se encontra nesta posição é eliminado das vantagens; como afirma Barreto (apud LAGOA et. al., 1993, p.12) :

> "Excluem-se da escola os que não conseguem aprender, excluem-se do mercado de trabalho os que não têm capacitação técnica, (...) excluem-se, finalmente, do exercício de cidadania, esses mesmos cidadãos, porque não conhecem os valores morais e políticos que fundam a vida de uma sociedade livre, democrática e participativa" .

Geralmente as pessoas usam a palavra agressividade como sinônimo de violência, mas os dois termos não têm o mesmo significado. Violência é definida de diversas maneiras.

Para o médico psiquiatra Paulo Gaudêncio (apud BOTTASSO,1989) a violência é uma explosão mal direcionada de uma grande carga agressiva, que se concretiza na forma de assaltos, sequestros, assassinatos, etc.

Várias ações vistas em nosso cotidiano podem ser caracterizadas como violência. Na verdade, atos violentos deixaram de ser exclusividade de metrópoles e uma onda de violência cada vez maior assola cidades de todos os tamanhos.

PIRES (1985, p.15) aponta que "o grau de violência nas grandes cidades não é fenômeno exclusivo de metrópoles como São Paulo e Rio de Janeiro nem se resume a um problema brasileiro".

Na realidade, atos violentos deixaram de ser exclusividade de metrópoles e uma onda de violência cada vez maior assola cidades de todos os tamanhos.

Em 1985, PIRES (p.08) já nos mostrava que "nos bairros da Zona Sul do Rio e de São Paulo, cordões de ouro já não podem ser exibidos no peito impunemente diante de milhares de olhos famintos".

Diante dessa situação, as pessoas estão sempre convivendo com o medo e arrumando estratégias para estarem seguras. "Nos bairros sofisticados e elegantes, a arquitetura a ela se adapta..." (ODALIA, 1991, p.10). Os moradores estão enclausurando-se, trancando-se cada vez mais e separando-se do que está fora: dos vizinhos, da rua, do bairro.

" Vinte ou trinta anos atrás, o arquiteto buscava conquistar os espaços exteriores, os jardins se abriam acompanhando o movimento e o ritmo das rosas e margaridas..." (ODALIA, 1991, p.10).

Hoje a paisagem está bem diferente. Passando pelas ruas não conseguimos enxergar a fachada das casas, pois elas estão fechadas por altíssimos muros e grades, além de portões eletrônicos, seguranças, câmeras filmadoras e cercas elétricas.

"No outro extremo, nos bairros em que abundam os pardieiros e favelas, a violência não pode ser escorraçada e evitada com cercas e muros" (ODALIA, 1991, p.12) e os habitantes são obrigados a conviver diariamente com ela.

Vários fatores podem ser citados como geradores da rotineira violência em nossa sociedade. Por exemplo, as situações que mexem com a emoção de uma pessoa e causam ódio, inveja ou ciúme, podem gerar atos violentos.

A violência é uma prática antiga. Na época colonial, por exemplo, a violência era considerada normal. Mais do que isso, como nos mostra ADORNO (1994, p.18), "em determinadas situações só era possível reagir mediante a violência, como seria o caso de uma mulher que estivesse sob suspeita de infidelidade conjugal".

Muito tempo se passou desde o período colonial, mas parece que ao invés de avançarmos, no aspecto da violência voltamos à barbárie. Hoje em dia, ainda emprega-se a violência para tentar resolver diversas situações.

"Continuamos resolvendo nossos conflitos através do emprego da violência. E o que é mais grave: continuamos, ininterruptamente, legitimando e reconhecendo a violência como um dado normal e cotidiano" (ADORNO, 1994, P.19).

STEINER (1986, p.03) manifesta-se dizendo que

> "nossa sociedade é permissiva para com a violência, incorpora-a a seu cotidiano de forma a que não nos espantemos mais com as notícias de assassinatos e brutalidades cometidos indiscriminadamente contra adultos, velhos e crianças que inundam os jornais e noticiários cotidianos".

Todos os dias podemos ver fatos que viram notícias em jornais falados e escritos que escandalizam a população, como estupro, assassinato dos pais pelos próprios filhos e outros. Mas as pessoas comentam por alguns dias e depois parece que esquecem ou aceitam e tudo continua ocorrendo, muitas vezes sem punição dos infratores e criminosos.

Por isso STEINER (1986, p.03) complementa seu comentário a respeito dessa questão, afirmando que somos "complacentes. Acomodados. Às vezes, cúmplices".

CAVALEIRO (1991, p.08) acha que "fechamos nossos olhos, sem atentarmos para o fato de que somos todos co-produtores nestas cenas concretas de miséria e violência humanas".

A situação em que milhares de brasileiros vivem já é uma violência contra o ser humano. Muitos não têm habitação, educação, saúde e emprego, ou seja, o governo não está sendo capaz de assegurar os direitos de todo cidadão.

É comum vermos crianças que moram na rua com suas famílias e até mesmo sozinhas e utilizam das possíveis formas para sobreviver.

BREJO DA CRUZ

A novidade
Que tem no Brejo da Cruz
É a criançada
Se alimentar de luz

Alucinados
Meninos ficando azuis
E desencarnando
Lá no Brejo da Cruz

Eletrizados
Cruzam os céus do Brasil
Na rodoviária
Assumem formas mil

Uns vendem fumo
Tem uns que viram Jesus
Muito sanfoneiro
Cego tocando blues

Uns têm saudade
E dançam maracatus
Uns atiram pedra
Outros passeiam nus".

(HOLANDA, apud SALGADO, 1997, p.97)

Além disso ainda há a violência que pode ser mais sutil, mas não menos danosa, a que todo homem urbano é submetido no dia a dia, seja a auditiva, do excessivo barulho do trânsito e dos aparelhos eletrodomésticos; a visual, presente no excesso de propagandas que fazem de tudo para serem notadas e muitas outras mais.

Assim, a má qualidade de vida pode ser um dos geradores de explosões agressivas, como as manifestações dos sem-terras.

A agressividade também é definida diferentemente por cada autor.

"Agressão vem do latim 'agredir' e significa aproximar-se e movimentar-se com a intenção de machucar ou prejudicar" (SILVA & WEINBERG apud PORTO, et.al., 1997, p.32).

Tanto o professor de psicologia Sidney Manning como a psicóloga Vera Campos colocam a agressividade como sendo um comportamento hostil com a finalidade de, através de um ato emocional físico ou verbal, ferir alguém ou alguma coisa (DIAS, 1990, p. 03).

A agressão pode ser física, verbal ou moral - através de atos ou palavras- e ativa ou passiva- executando mau trato a alguém ou negando-se a fazer algo proposto.

Quando a ação é intencional e prejudicial a alguém, é considerada agressiva. Ou seja, quando o comportamento ocorre não por acidente e é nocivo a outrem, os neocomportamentalistas o definem como agressivo.

DEBUS & MARKEY (apud BELTRAME et.al., 1995, p.64)

> "definem um ato de agressão como um fato ocorrido em qualquer situação na qual uma criança ataca outra, quando, por palavras e atos, interfere no que ela está fazendo, ou ameaça interferir, com palavras e com gestos; ou quando tenta, pela força ou por meio de exigências verbais; dirigir as atividades de outra criança ou possuir as corsas dessa criança".

Quanto aos fatores geradores de comportamentos agressivos, há uma concordância de que estão relacionados a situações negativas. Assim, a frustração, experiências aversivas e outras são citadas como causas geradoras de agressão:

DOLLARD et.al. (apud PORTO, et.al., 1997), apresentaram a tese de que a frustração desencadeia uma tendência para a agressividade.

MILLER (apud PORTO, et.al., 1997, p.34) concorda em parte com DOLLARD pois complementa sua afirmação. Segundo MILLER, "uma das importantes conseqüências da frustração é a agressão. Acredita-se também que existem outras conseqüências da frustração além da agressão, e outras situações além da frustração são responsáveis pela agressão".

BANDURA (apud PORTO, et.al., 1997, p.35) exemplifica: "(...) a ação é instigada pelas experiências aversivas - insultos pessoais, ataques físicos, oposição ao comportamento dirigido a uma meta, reduções adversas na qualidade de vida".

Segundo BELTRAME et.al. (1995, p.58) "... os eventos frustradores são os que bloqueiam o comportamento de buscar atingir os objetivos, ameaçam a auto-estima do indivíduo ou privam-no da oportunidade de gratificar algum motivo forte".

As aulas de Educação Física, especificamente, podem ser um espaço para a manifestação da agressividade, porque geralmente ocorre em locais com maior espaço e é caracterizada por movimentação corporal. O modo como são desenvolvidas as aulas também podem possibilitar os comportamentos agressivos, como veremos mais adiante.

A ADOLESCÊNCIA

Alguns autores consideram adolescência como a pior fase da vida das pessoas, quando aparecem crises de inúmeros graus e tipos. Outros dizem que a adolescência é somente mais uma fase da vida, como outra qualquer. Para estes, a adolescência faz parte de todo o processo e, por isso, deve ser encarada como algo normal.

PALÁCIOS apresenta uma visão mais equilibrada sobre a adolescência. Ele mostra que "... provavelmente, a maior parte dos adolescentes se situa em um ponto intermediário entre o cor-de-rosa e o negro".

SONS (1968, p.60) defende que "a facilidade ou dificuldade relativas com que o adolescente passa por essa fase do desenvolvimento são determinadas, em grande parte, por sua experiência passada e pela natureza dos conflitos intrapsíquicos implícitos, que agora serão revividos", ou seja, depende da maneira como a pessoa viveu sua infância.

Minha opinião sobre este assunto é que, como em todos os períodos de nossa vida, a adolescência também envolve problemas, mas não deve-se exagerar ao extremo de relacioná-la com turbulências, crises e frustrações.

Concordo com ABERASTURY et.al. (1986, p.17) quando estes constatam ser "demasiado chamativo, ainda, que só se tenham assinalado até agora os aspectos ingratos do crescimento, deixando de lado a felicidade e a criatividade plenas que caracterizam também o adolescente".

Outras controvérsias no assunto são encontradas quando tenta-se estipular qual o início e o término da adolescência.

FURTER (1975, p.23) afirma que o que marca este início não são as modificações corporais, mas as implicações psicológicas que essas transformações trazem. "Tem início a adolescência no momento em que o corpo se impõe a atenção do indivíduo".

Na infância o corpo era tido somente como um invólucro, a ele não eram dispensadas atenções demasiadas, enquanto mais tarde, para o adolescente o corpo é carregado de significação para os outros. Por isso ele preocupa-se tanto com a aparência, e busca-se o corpo perfeito, inspirado em modelos ideais apresentados diariamente pela mídia.

Luta-se contra a inabilidade e imobilidade, correspondendo ao período em que muitas garotas iniciam a fazer ginástica, os garotos a praticarem esportes e, além disso, começa a mania de (tentar) fazer as mais variadas dietas e regimes.

Ao contrário do início, "O fim da adolescência já não é tão nitidamente demarcado porque, além da característica filogenética, interfere a ontogenética (bagagem psicológica adquirida do seu meio ambiente)" (TIBA, 1986, p.37).

Mesmo assim, SONS (1968, p.73) define como final da adolescência quando o desequilíbrio psicológico dá lugar a um equilíbrio relativamente estável e complementa dizendo que "a adolescência como fase do desenvolvimento humano tem um princípio biológico e um término psicológico".

A adolescência foi encarada por nossos ancestrais de forma diferente e ainda hoje diferencia-se de uma cultura para outra. SONS (1968, p.32) cita que "as sociedades estabelecem seus próprios critérios para a definição do estado adulto, mais freqüentemente em termos de tradição social ..." .

Nas tribos indígenas, por exemplo, as crianças têm que passar por alguns ritos, que são provas de resistência à grave dor, ou outras, e uma vez completados esses ritos, já estão convertidos em adultos.

Em nossa sociedade atual, urbana, a passagem da infância para a fase adulta não se dá através de um ato em si. Por isso a adolescência é chamada de fase: ela pode representar uma pequena parte da vida para algumas pessoas, ou durar anos para outras.

SONS (1968, p.74) comenta que alguns indivíduos enfrentam uma "adolescência prolongada", na qual "o fim é acentuadamente retardado por que os conflitos e o comportamento típico da adolescência persistem e se transformam num 'modo de vida'".

Ou seja, a adolescência, ao contrário da puberdade, não é um fenômeno universal. A puberdade, como nos alerta PALÁCIOS, é caracterizada pelas modificações essencialmente biológicas, às quais, independente da cultura, todas as pessoas apresentarão.

"A criança que crescia e desenvolvia somaticamente agora se torna púbere com maior produção de testosterona nos rapazes, principalmente depois dos 13 anos de idade e estrogênios e progesterona nas moças, iniciando-se aos 11 anos de idade" (TIBA, 1986, p.13).

Estas transformações biológicas são as responsáveis pela maturação sexual, e são caracterizadas pelo aparecimento das características sexuais secundárias, tanto no sexo feminino, quanto no masculino.

Uma grande semelhança na seqüência das transformações biológicas são percebidas entre um indivíduo e outro, no entanto, o mesmo não pode ser afirmado, quando nos referimos à idade.

Geralmente as meninas apresentam-se mais adiantadas do que os meninos, mas as diferenças entre os indivíduos são enormes, podendo haver entre um grupo de meninos com a mesma idade, ou dentro de uma classe, meninas que segundo fatores biológicos, já podem ter filhos, enquanto outras ainda não tiveram a menarca.

A adolescência envolve fatores psicológicos e culturais.

Além de aprender a lidar com o novo corpo que se impõe, o adolescente encontrará vários outros desafios, como a percepção de sua função na sociedade. "Dessa maneira, o adolescente, que se adaptou muito bem ao seu papel de criança, e nele se sentiu perfeitamente à vontade, acha difícil assumir um novo papel de adulto" (SONS, 1968, p.52).

Muitos autores, como por exemplo ENDERLE (1988, p.24) citam que essa é a fase de busca incessante de estabelecimento da identidade e personalidade.

TIBA (1986, p.49) também afirma que "o adolescente vive em constante busca de identidade (quem sou eu?), de sua independência (ninguém manda em mim) e da sua importância afetiva (sou afetivamente importante para alguém?).

Isto leva outros autores a afirmarem que esta é a fase de crises e por isso volto a expor que creio que o nível de intensidade de dificuldade com que o indivíduo enfrenta depende da maneira como ele encara as situações.

Dentre as características psicológicas que os autores que descrevem sobre a faixa etária em questão, estão a alternância de humor e diferenciação de comportamentos da infância.

SONS (1968, p.72) observa que nos adolescentes é comum uma sucessão de períodos de inquietação, tensão a momentos e calma e quietação.

BELTRAME et.al. (1995, p.63) diz que "... as discussões e revoltas nesta idade são necessárias ao sadio desenvolvimento da personalidade. A polêmica, desde que não degenere para o campo das ofensas e ataques pessoais, é salutar ao jovem".

"Em grande parte, as mudanças de humor dos adolescentes estão diretamente relacionadas com o travamento e o rompimento de relações, seja na realidade, seja apenas em imaginação" (SONS, 1968, p.79).

O chamado conflito de gerações pode ser experimentado através do afastamento e rejeitamento dos valores dos pais por parte dos filhos.

Enquanto criança, o núcleo mais forte é o familiar; com o crescimento, vão aumentando as vontades próprias e os meios de satisfazê-las. Então os adolescentes ligam-se a outro grupo e não querem mais sair e viajar com os pais, por exemplo.

Sobre este assunto, SONS (1968, p.78) reflete que "...As crianças aceitam sem discussão os juízos dos pais acerca das pessoas que 'prestam' e das que 'não prestam'.

Mas, segundo o mesmo autor (p. 80) "... a obediência infantil aos desejos e padrões paternos opóiam-se totalmente ao estabelecimento da individualidade" e então os adolescentes contestam as opiniões dos pais, acreditando que "nada do que dizem ou fazem é aceitável ou mesmo digno de consideração".

Diante disso, "os filhos podem tentar modificar drasticamente as atitudes dos pais em relação a uma situação, perante a qual os pais toda vida mantiveram um determinado ponto de vista. Os pais, por sua vez, podem tentar manter os filhos em crescimento como eternas crianças" (TIBA, 1986, p.40).

Na adolescência é muito comum as pessoas terem seus grupos fixos de amizade, chamados por eles de turma.

Segundo TIBA (1986, p.29) "grupo é um conjunto de pessoas que estão juntas circunstancialmente: ou porque moram na mesma rua, ou por que estudam na mesma classe, ou porque se agrupam para fazer alguma coisa".

Já a palavra turma refere-se a "um conjunto de pessoas que estão juntas porque querem estar juntas, por opção" (TIBA, 1986, p.29).

O adolescente já possui a capacidade de escolher seus amigos e agrupar-se de acordo com os gostos afins. Por isso, muitos autores chamam estes grupos de grupos de iguais. Algumas pessoas dizem que os adolescentes usam a terminologia "bandos" para a maneira de reunirem-se.

O grupo de iguais, como mostra SONS (1968, p.81) "hoje constitui uma 'cultura' adolescente, com sua linguagem, seus costumes, suas instituições sociais, seus modos e métodos de resolver problemas, e suas filosofias".

UNICAMP
BIBLIOTECA - FEF

Outros grupos de jovens, com características peculiares, são denominadas como gangues.

As gangues são conhecidas pelo seu forte caráter destrutivo. Elas realizam pichações e depredações, além de outros atos violentos.

Existem várias gangues juvenis no Brasil, principalmente em metrópoles como São Paulo e Rio de Janeiro, sendo formadas por garotos e garotas com aproximadamente 14 anos, às vezes até possuem adeptos com 10 anos de idade, segundo reportagem publicada na Revista Nova Escola de maio de 1993.

Essas gangues envolvem todas as classes sociais, não sendo constituída exclusivamente por membros com situação financeira difícil.

"O menor que furtava para comer (...) hoje divide a prática com meninos de classe média em busca de tênis, mochilas de griffes, coisas que possam ser trocadas por dinheiro (...) ou por drogas" (LAGÔA, 1993, p.11).

Entre as causas do envolvimento com as gangues está, como o fator mais visível a todos a busca pela aventura, ou seja a ansiedade por correr riscos durante as pichações, furtos e brigas. Mas a busca da fama e a crise existencial também levam ao mundo das gangues.

Em pesquisa realizada por Cristina Resende a membros de gangues, também puderam ser detectados como agentes influenciadores "a ausência de afeto no meio em que vivem, ausência de diálogo, a desvalorização da vida, a necessidade de ser estimado e a supervalorização das amizades" (LAGÔA, 1993, p.14).

O mesmo aspecto foi levantado pela psicóloga Sueli Damergiani em entrevista a um jornal televisivo em agosto de 1998, quando ela alerta que na classe média e alta pode não haver problema econômico, mas falta afeto.

Os adolescentes que não têm conforto para dialogarem com a família, nas gangues tentam encontrar amizades e aqueles que não sentem-se úteis, nelas podem sentir-se importantes.

SONS (1968, p.81) conta que para o adolescente "o grupo de iguais lhe proporciona um sentido de relação íntima e um sentimento de força e poder muito importante para ele".

Seja por falta de dinheiro, por falta de carinho, devido à desestrutura familiar, onde pais somente brigam e ainda dão exemplo de alcoolismo e violência, nas gangues os adolescentes vão buscar a totalidade.

E A ESCOLA, COMO VAI?

Fala-se muito atualmente da crise da educação, como sendo caracterizada por uma série de fatores que cada vez mais acentuados, estão causando o fracasso do ensino escolar.

Percebe-se que os professores estão sem disposição para ensinar -devido aos baixos salários, em contradição com a excessiva carga de trabalho e ainda adicionando à falta de cursos de atualização- e os alunos sem motivação para aprender.

CECCON et.al. (1985, p.14-15) constataram que "os professores estão cansados e frustrados, descontentes com os salários, sobrecarregados e desvalorizados em seus trabalhos, além das classes estarem superlotadas, de ter falta de materiais didáticos e da má qualificação de alguns professores".

No tipo de educação que predomina atualmente, o aluno é visto como um ser passivo. Não se percebe a preocupação com os interesses dele e respeito por sua opinião. O professor detém todo o poder; escolhe as atividades, manda e os alunos apenas obedecem.

A autoridade do professor é utilizada com autoritarismo, como se ambos significassem a mesma coisa.

Podemos ver em GUIMARÃES (1994, p.37), que SILVA conceitua que "a autoridade é a capacidade, inata ou adquirida, manifestada por um indivíduo ou grupo e expressa em símbolos, de exercer ascendência sobre outros indivíduos ou grupos que aceitam voluntariamente".

O que se percebe nesta definição é a relação de poder em que a autoridade implica, mas as pessoas "subordinadas" estão de acordo com a situação. Já o autoritarismo seria um abuso do poder, no caso da docência, por exemplo, caracterizado por professores que se impõem e utilizam da coerção, restringindo a liberdade dos alunos.

Em algumas escolas e colégios a disciplina é severa e as punições, explícitas.

Casos em que o professor não conhece outras soluções para comportamentos indesejados na turma, e apela para a violência, algumas vezes tornam-se públicos por causa da denúncia de pais de alunos.

No entanto, os próprios pais podem apoiar e até tornarem cúmplices das punições dos professores contra alunos pois eles também tiveram uma experiência semelhante em seus anos escolares. Eles colocam a responsabilidade da educação dos filhos e ensino do respeito para com os outros no professor e no entanto não é bem isso que as pessoas aprendem na escola.

A revista Nova Escola de dezembro de 1990 editou uma reportagem denunciando os maus tratos na escola. Nesta comentou-se uma caso de um professor que colocava os alunos em pé, com os braços para cima e de frente para uma parede. Como não satisfeito, passou a colocar os alunos ajoelhados no milho.

Além de chocante para mim, o mais estranho é o fato de que os pais ainda davam outras sugestões para o professor sacrificar os alunos. "um (...) propôs fazer um tapete de tampinhas de garrafas coladas para o filho ajoelhar" (LAGÔA, 1990, p.19).

Parece que

> "... as medidas disciplinadoras dirigidas ao corpo do aluno, que antes envolviam castigos físicos e sacrifícios, foram gradativamente caindo em desuso, e sendo substituídas por mecanismos psicológicos mais diretamente ligados à avaliação de desempenho e à nota" (CARLINI, 1995, p.44).

Entretanto, creio a realidade é diferente em cada contexto. Como nos aponta a enquete realizada pela Revista Nova Escola de abril de 1987, professores de variadas regiões do país aplicam castigos para resolver problemas de sala de aula, mas o tipo de castigo varia um pouco.

"Usado nas suas mais diferentes formas, da simples advertência oral ao sacrifício físico, o castigo sempre esteve presente nas escolas brasileiras..." (BASTOS, et.al, 1987, p.20).

Alguns professores gritam, outros multiplicam a quantidade de tarefas, aplicam pontos negativos, dão nota zero, mandam alunos para diretoria ou chamam pais na escola.

O que fica perceptível nos depoimentos dos professores na reportagem (BASTOS, et.al., 1987, p.20-21) é que mesmo aqueles que dizem não gostar da idéia de castigos e até mesmo os que afirmam não castigar nunca os alunos, diante de alguma situação difícil, acabam aplicando uma forma de punição.

A avaliação também é freqüentemente utilizada como uma ameaça ou uma punição aos alunos. Tradicionalmente ocorre como uma seleção, separando "os melhores alunos".

Na avaliação formal valoriza-se mais o erro do que o acerto. Todos os alunos devem conseguir fazer os mesmos exercícios, esquecendo-se que nem todos partiram do mesmo lugar, com os mesmos conhecimentos.

Na Educação Física, ainda avalia-se a performance, desatentando que o objetivo da Educação Física escolar deve ser a compreensão dos diversos conteúdos da cultura corporal e não a execução "perfeita" dos movimentos.

Muitas pessoas, inclusive alunos e professores, como fica evidenciado na investigação de GUIMARÃES (1994), confundem e utilizam como sinônimos a autoridade e autoritarismo.

O método tradicional, como nos mostra LEITE (1993, p.89) aplica essa confusão na prática, pois ao invés de somente colocar no professor a responsabilidade, a autoridade que lhe é direito e o controle da turma que lhe é dever, existe a manipulação da turma, pois sua atuação "consiste em fazer repetir, recitar, aprender, ensinar o que já está pronto, em vez de fazer agir, operar, criar, construir a partir da realidade vivida por alunos e professores".

Isto ocorre porque a vigilância e a punição são utilizadas para manter a disciplina - espelhando o entendimento equivocado que se tem deste termo - como sendo a ordem e respeito a regras e leis impostas.

> "Este procedimento de papel, largamente utilizado na Educação em geral e na Educação Física em particular, é justificado pela necessidade de 'ordem', da 'disciplina' a partir de normas e sanções, e associado à idéia de que a escola só deve trabalhar com aquilo que é útil, funcional e adequado ao sistema, ou seja, com aquilo que contribui para a realização de um fim padronizado e normatizado" (SOARES, 1993, p.18).

A escola, além de outras instituições como exército, hospitais, prisões e fábricas exerce um controle sobre os indivíduos através da vigilância e punição.

Isto acontece porque visa-se uniformizar comportamentos para facilitar a atuação com o grupo, no qual todos teriam as mesmas capacidades e vontades.

Na escola as regras já estão definidas anteriormente à entrada do aluno e este terá que aceitar o regulamento, executando seus deveres e contentando-se com seus direitos.

O aluno é obrigado a ficar sentado, prestar atenção em tudo que o professor, distante, em pé no seu palco fala, e decorar o que ouviu.

Muitas coisas não podem ser feitas na maioria das escolas, como por exemplo fumar e namorar, apesar de os professores o fazerem. É claro que os alunos não concordam e a proibição contribui mais para o desejo, então, "quem fuma e quem namora continua fazendo essas coisas, porém pelos cantos escuros e fechados do prédio" (GUIMARÃES, 1996, p.93).

Além disso, "as crianças não podem comunicar-se, não podem sorrir, não podem brincar, não podem se quer levantar da carteira" (BRITO, 1992, p.11).

E o sacrifício vai mais além: "sonhar? O sonho é individual, é íntimo, mas até aí a professora com uma voz exageradamente estridente, faz o sonho se quebrar e obriga a criança a retornar à velha realidade, àquela dura rotina da sala de aula" (BRITO, 1992, p.11).

Os alunos que apresentam comportamentos diferentes do padrão são taxados de vários nomes e punidos, efetuando uma divisão entre "bons" e "maus" alunos.

Por causa desse tipo de tratamento que os alunos recebem pode-se dizer que:

> "A violência que as crianças e os adolescentes exercem, é antes de tudo, a que o seu meio exerce sobre eles.
> Podemos ver que durante um ano, as situações ficam bloqueadas, aparecem atos de vingança, como se alguma coisa não chegasse a ser dita. Sabemos muito bem como a escola-caserna é vivida como um lugar trancado, que impõe aos corpos uma ordem uniforme, hierarquizada, à qual não há meio de fugir: regras, controles, punições, dominação, são os meios habituais

> de disciplina" (COLOMBIER et.al, 1989, p.17-18).

Podemos ver que durante um ano, as situações ficam bloqueadas, aparecem atos de vingança, como se alguma coisa não chegasse a ser dita. Sabemos muito bem como a escola-caserna é vivida como um lugar trancado, que impõe aos corpos uma ordem uniforme, hierarquizada, à qual não há meio de fugir: regras, controles, punições, dominação, são os meios habituais de disciplina" (COLOMBIER et.al, 1989, p.17-18).

As manifestações agressivas surgem como forma de contestação aos regulamentos rígidos e métodos opressivos.

GUIMARÃES (1996, p.40) nos mostra que "quanto às rebeliões, às revoltas, aos motins, pode-se dizer que os mecanismos disciplinares funcionam de modo a evitá-los". Muros, paredes, grades e arames são utilizados para impedir quem está dentro da escola de sair e quem está fora de entrar e as escolas ficam parecendo-se mais com prisões.

No entanto, nas escolas onde o controle é freqüente parece haver maior número de destruições do prédio. Torna-se um círculo vicioso: quanto maior o número de problemas que a escola encontra, mais severas são as punições, e vice-versa.

Se não soubesse do abuso de autoridade por parte da direção e docência, ficaria difícil imaginar porque os próprios alunos depredam de destroem a escola.

A maioria das escolas não estão caracterizadas por um processo de ensino contínuo e gradual, com seqüenciação e inter relação dos conteúdos, não levando em consideração as experiências anteriores dos alunos e nem adequando os conteúdos à sua realidade . Cada criança tem um conjunto de experiências anteriores à entrada na escola e continua vivenciando situações diferentes dos outros fora dos momentos de aula, mas essa diversidade, a individualidade não é respeitada e aproveitada pelos professores.

"As crianças são oprimidas, tolhidas em seus sentimentos, em suas atitudes, na sua história de vida. Vêm os alunos como seres não pensantes, insensíveis, sem conhecimento nenhum" (BRITO, 1992, p.12).

Talvez por isso, para o aluno

> "a professora, na maioria das vezes, não é vista como uma pessoa amiga que está alí para ajudar, mas sim como uma pessoa que sabe o que eles não sabem, que fala enquanto eles têm que ficar quietos, que fala bonito e diz que

> eles falam errado, que castiga quando eles se comportam mal e que reprova quando eles não conseguem aprender o que tem que ser aprendido" (CECCON et. al., 1985, p.16).

A professora é vista como inimiga, domadora e detentora dos conhecimentos, causando desmotivação , descrença e descontentamento por parte dos alunos. "Eles têm medo dela e, para se defenderem, se fecham em si mesmos ou tornam-se agressivos e indisciplinados" (CECCON et. al., 1985, p.17).

Todos esses fatores podem ser geradores da agressividade infantil na escola.

STORR (1991, p.80) confirma:

> " São demasiadas as coisas que as crianças não podem fazer ou que não devem tocar; de modo que todos que temos sido criados na civilização ocidental, especialmente na civilização urbana, devemos ter reservas de agressividade reprimida, e, conseqüentemente, perigosa, originada pelas restrições da primeira infância".

A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR ATUAL

Encontramos um quadro quase que caótico, no que se refere à Educação Física Escolar de 1o. grau, principalmente em instituições públicas.

A Educação Física ainda não é encontrada em algumas escolas e quando está teoricamente, não está na prática, pois muitas vezes as aulas não são dadas pois são substituídas por atividades de outras disciplinas.

A Educação Física muitas vezes é deixada para segundo plano. Se alguma aula tem que ser cedida para uma reunião ou para qualquer outra atividade, lá está a Educação Física descartada. Se algum aluno vai ficar de castigo, proíbe-se de freqüentar a Educação Física.

Esta situação é mais freqüente em escolas públicas e demonstra a falta de importância que ainda é dada à Educação Física na escola. Não raramente, quando existe a disciplina na escola, a Educação Física não está integrada à proposta pedagógica da escola e não há a relação com as outras disciplinas.

Há casos em que os professores não são convidados para participar das reuniões pedagógicas e com pais, mostrando que à Educação Física nem é dada a classificação de disciplina, que ela é tratada como mera atividade.

Nos conselhos de classe, que têm a finalidade de aprovar ou reprovar alunos no final do ano, a Educação Física não tem voto decisivo, pois é uma disciplina que não pode reprovar.

Tanto a direção, como professores são responsáveis por esta triste realidade, pois quando a reunião no início do ano letivo ocorre (na maioria das escolas), o professor de Educação Física deve insistir para participar e mostrar seu planejamento, mas na prática, constata-se que quando o professor está presente, ele apresenta a mesma pauta para todas as séries, onde serão trabalhados os mesmos conteúdos e da mesma forma.

Uma grande parcela de escolas públicas nem possui um profissional formado na área. Quando existem aulas de educação física, elas são ministradas por professores que fizeram magistério, pedagogia ou são estudantes da área que são utilizados como mão-de-obra barata.

Em escolas particulares a realidade muda um pouco, mas a própria direção da escola ainda coloca obstáculos para o trabalho do professor de Educação Física, pois a

seu modo de ver algumas atividades incluem alta possibilidade dos alunos se machucarem, pois envolvem corridas ou contato corporal. Diretores também reclamam do barulho nas aulas, pois estão acostumados com a visão de que aluno tem que ficar sentado e quieto.

Há uma gritante diferença entre a escola pública e particular quanto à capacitação dos professores, infra-estrutura e formação dos alunos.

Devido à concorrência de mercado as escolas particulares estão esforçando-se para equipar cada vez mais a escola e oferecer o maior número possível de programas, como consultas com psicólogas, aulas extras, palestras e convênios com os mais variados tipos de estabelecimentos, entre eles academias de ginástica.

Quando pais matriculam seus filhos na escola estão repartindo com as pessoas que nesta trabalham a responsabilidade de educá-los. Por isso cabe analisar o que está sendo feito e discutir qual a maneira de possuir um ensino cada vez melhor.

Um dos pontos a se discutir é o que vai ser ensinado na escola.

" (...) o maior conhecimento da criança que chega à Escola ainda é a motricidade. (...) E, no entanto ninguém pergunta a ela sobre o que sabe de brincadeiras" (FREIRE, 1993, p.95).

Quando a criança entra na escola, cuidam da sua parte intelectual, muitas vezes obrigando-a a ficar sentada, ignorando todo seu conhecimento motor e as atividades próprias de sua idade como andar, correr, rolar e trepar.

Apesar de "o corpo, na sociedade capitalista, em especial na últimas décadas", ter se tornado "... algo muito diferente de 'depositário da alma'" , na escola ainda ocorre uma negação do corpo e de sua corporalidade (CARLINI, 1995, p.46).

"... Ela permanece negando o corpo e ignorando a corporalidade do educando, mesmo em salas repletas de alunos, que se movimentam, conversam, transpiram, riem, etc" (CARLINI, 1995, p.55).

> "A criança quando entra na escola deve passar a vivenciar o Não. Nada é permitido que altere a ordem estabelecida. Não pode conversar (Educação sem diálogo?). Não pode rir (Educação sem criatividade?) " (MOREIRA, apud BRITO, 1992, p.04).

FREIRE (1989, p.12) discute e assunto e interroga se

> "dá para imaginar o que representa para uma criança, que passou sete anos se movimentando, ser subitamente amarrada e amordaçada para, como se diz, aprender o que

> é, para ela, uma linguagem, às vezes, totalmente estranha?
> A linguagem da imobilidade e do silêncio?".

A infância é predominantemente a fase da fantasia e das brincadeiras. Mas a escola não leva em conta essa rica cultura infantil. Muitas vezes nem a Educação Física se preenche com atividades lúdicas e motoras.

O movimento é necessário ao homem. Ele é muito importante também para crianças, em desenvolvimento físico, cognitivo e afetivo pois ele permite que elas se expressem e aprendam.

Cabe à Educação Física o trabalho com o movimento, mas não somente isto é importante e sim, como ele vai ser trabalhado.

Os objetivos da Educação Física foram sendo modificados com os tempos e com ele também o conteúdo das aulas, a metodologia e as formas de avaliação. Mas para entendermos o atual quadro em que a Educação Física encontra-se é necessário rever sua história.

O local em que estava inserida também determina a Educação Física, ou seja, suas características são definidas pela cultura e política.

Assim, em época de governo militarista as aulas de Educação Física consistiam em treinamento de capacidades físicas, como a força, e era enfatizada a repetição e os resultados perfeitos, a performance.

MOREIRA (apud PICCOLO, 1988, p.29) comenta que esse "... é o desenvolvimento de uma atividade física acrítica, onde o modelo é a prática mecânica - repetitiva, na qual os alunos copiam propostas de exercícios e os repetem até estarem bem adestrados".

Os médicos também exerceram papel importante na história da Educação Física. COSTA, in CASTELLANI (1994, p.41) conta que

> "...a partir da terceira década do século passado, (...) valendo-se dos altos índices de mortalidade infantil, e das precárias condições de saúde dos adultos, a higiene conseguiu impor à família, uma Educação Física, Moral, Intelectual e Sexual inspirada nos preceitos sanitários da época".

A prática higienista assumida pelos médicos tinha como fim limpar "as sujeiras da sociedade", através do fato de "assegurar a saúde e o vigor dos corpos, aumentar a reprodução e longevidade dos indivíduos, incrementar a população do país e melhorar os costumes privados e a moral pública...".(COSTA, apud CASTELANNI, 1994, p.42).

Aliás, a limpeza, eugenia da raça, foi também marcante na estruturação de uma Educação Física, onde o desejo era o de possuir indivíduos saudáveis em nossa Pátria e, para isso o pensamento era de que as mulheres deveriam ser sadias, para terem filhos também sadios e fortes.

O que se percebe nesse retorno à nossa história é que embora estas descrições tenham ficado mais evidentes no passado, não estão tão distantes de nós.

SOARES (1993, p.18) aponta que

> "quanto ao papel do professor de Educação Física na instituição escolar, vemos que lhe é atribuído desde o papel do militar, incorporado na figura do 'instrutor', nos primórdios da institucionalização da Educação Física nas escolas brasileiras, até aquele de terapeuta corporal, que alguns lhe imputam nos dias de hoje, passando é claro, pelo papel de técnico desportivo, médico, carpinteiro, pedreiro, pintor, fisioterapeuta, organizador de festas, de fanfarras, de desfiles cívicos etc...".

Ela continua denunciando que

> "quanto ao papel do aluno (...), pode ter o papel de recruta que obedece cegamente o instrutor, ou o papel do atleta que 'agrada' o técnico, ou o papel de ajudante de pedreiro, carpinteiro, pintor, organizador de festas; pode também desempenhar o papel de paciente do fisioterapeuta, do médico ou do terapeuta corporal" (SOARES, 1993,p.18).

A Educação Física, infelizmente ainda é utilizada como educação somente do físico, apresentando objetivos especificamente biológicos, isto quando a finalidade não está, pior ainda, em fatos extrínsicos a ela, como a ordem no país, através da disciplina nas aulas ou a capacitação para atuação em guerras.

Algumas aulas de Educação Física, desenvolvem um caráter patriarcal, de situação de poder, com imposições dentro de um monólogo. A utilizam como forma de manter a ordem , até envolvida por aspectos militares, de adestramento, de capacitação através do desenvolvimento das habilidades e do alto rendimento.

> "Realizar aulas de Educação Física utilizando-se de um arsenal de medidas disciplinares para enquadrar os corpos das crianças em hábitos esteriotipados de movimentos, como tem sido o mais usual nos lugares em que pelo menos existe Educação Física, é a maior de todas as provas da insegurança do professor perante os corpos infantis" (FREIRE, 1989, p.170).

Torna-se mais fácil impor o respeito, do que permitir as contestações , pois se o professor não for qualificado e estar envolvido com o processo pedagógico, não saberá

lidar e resolver tais situações. Aqui busca-se a formação do indivíduo acrítico, apolítico, que abaixa a cabeça e aceita tudo.

Concomitante com tentativas de mudanças, ainda pode-se ver em aulas a competição, com a super valorização dos vencedores em detrimento dos alunos ditos menos hábeis.

A competição, em si, não é prejudicial, mas quando existe em excesso e discriminação dos que "perdem", às vezes até ridicularizando-os, torna-se maléfica.

O objetivo na aula não pode significar para os alunos aniquilar adversários ou utilizar métodos ilícitos. Ao invés disso, deve-se trabalhar de forma que cada um dos membros se sinta realizado quando todos tiverem atingido seus objetivos.

É muito diferente o "jogar com" do "jogar contra alguém" e, por ser a escola o espaço para integração e atividades em grupo, nada mais estranho do que ver professores formando times para campeonatos e depois premiando e elogiando apenas o primeiro colocado.

É nítida a separação que ocorre entre os que têm uma maior desenvoltura, habilidade, destreza , beleza, alto grau de afetividade e empatia e nível social, dos que tem uma maior dificuldade de se expressar, através de determinados padrões sociais denominados corretos, únicos e privilégios de poucos.

Como nos mostra SHIGUNOV (1991, p.67) "a atitude do professor varia de turma para turma, de indivíduo para indivíduo, sendo produtora de um tratamento desigual e diferenciado".

Processa-se, dessa forma, a exclusão dos alunos que mais precisam de ajuda e acompanhamento. Enfatiza-se cada vez mais as desigualdades, segregação e até um certo preconceito dependendo do aluno.

Dentro das aulas apontam-se muito mais os fracassos do que os sucessos obtidos pelos alunos. De repente, na visão do professor, determinado aluno não aprendeu nada do que ele ensinou num período qualquer, ou melhor, não atingiu o patamar padrão, não se desenvolveu como os outros alunos da mesma classe. No entanto, o aluno pode ter alcançado muitas vitórias, peculiares ou não, mas que satisfizeram as suas necessidades de acordo com os seus objetivos.

Na escola tradicional, entretanto, a orientação geralmente é esforçar-se para vencer sempre. Talvez isso ocorra porque, segundo ORLICK (1978, p.28) "...muitas pessoas parecem achar que para ensinar as crianças a viver e prosperar na sociedade é

necessário prepará-las para serem competitivas e tirar vantagem dos outros, antes que os outros os façam".

Essa super estimulação da competição pode ser encarada como uma agressão às pessoas e, como afirmam alguns autores, por exemplo BANDURA (apud PORTO, et. al., 1997), fatores emocionais negativos geram agressão. Por causa disso, em famílias com pais extremamente autoritários, que tratam os filhos com punição física ou rejeição, os filhos tendem a ser mais agressivos.

Pode-se dizer que na escola processa-se o mesmo. "Esta atitude do professor produz nos alunos os seus efeitos, muitas vezes negativos e danosos..." (SHIGUNOV, 1991, p.67).

Por isso minha hipótese é de que na escola tradicional a tendência é de uma exposição maior à agressividade.

O professor é encarado como modelo para o aluno, assim como o herói da história em quadrinhos, o personagem de um desenho animado ou um jogador de algum esporte.

Os atos que seu ídolo praticar serão repetidos pelas crianças; o que leva a entender que se o professor der sempre exemplos de agressão em suas aulas, os alunos também irão tratar os outros com agressividade. Se o professor grita, mente, fala palavrão, seus alunos também o farão.

> "Tudo parece ir preparando um campo profícuo no qual se educa a criança, que, no futuro, repetirá as condutas observadas ou sofridas durante sua infância. A criança maltratada é muito provável que se transforme em um pai punidor, e assim perpetue o círculo vicioso" (STEINER, 1986, p.24).

Então, o professor que deseja formar cidadãos, com consciência de respeito aos outros, democracia e justiça, deve dar o próprio exemplo e se ele não deseja que as crianças tenham um determinado comportamento, não deve também tê-lo.

> FONTANA (1989, p. 46) clarifica esta questão:
>
> "Se desejamos formar, por exemplo, o hábito de ler nas crianças, devemos mostrar-lhes o livro como um valioso repertório de informações e ensinar a criança a utilizá-lo. Ao mesmo tempo em que, se tivermos uma visão desfavorável daquela em que a criança fica, o dia todo, assistindo televisão, devemos proporcionar-lhes diferentes experiências e atividades, que evitem tal postura" .

" Além disso, o interesse que os alunos têm pelo conteúdo, a adequação deste às tarefas e ao nível de desenvolvimento dos alunos em relação à proposta, parecem ter influência decisiva no enfoque dado pelos alunos" (VELARDI, 1997, p.69).

Mas hoje em dia nossa imagem interior não encontra lugar, não emerge nesta época tecnificada e massificada, onde a imaginação se limita e se torna apenas reprodutora, inclusive na escola

Será que no século XXI, nossas crianças serão capazes de elaborar suas próprias imagens, advindas de seu interior, ou seremos seres estereotipados, com imagens de corpo e conduta estabelecidas antes mesmo do nascimento?

Pois se a educação continuar assim, com professores ditando sempre monopolicamente o que os alunos têm que fazer, como será a vida de adulto dos alunos? E se continuarmos seguindo regras sem questioná-las e aceitando leis que são criadas e impostas, como será o próximo século?

Século XXI

" Que não se fale mais em LIBERDADE
Que não haja mais crianças brincando nas ruas
Nem haja mais sorrisos nos rostos
Que não seja permitido andar sem rumo pelos caminhos
nem ficar à toa nas praças
Que não se fale mais sobre futebol,
nem política,
nem LIBERDADE
Que os homens não conversem nos bares
Que não se abracem
Que não se beijem
Que cada ser fique restrito ao seu mundo
E a alma cada vez mais presa em seu cárcere
Que não seja permitido voar nos sonhos,
ultrapassar fronteiras,
chegar às estrelas
Não haverá mais lutas por ideais
(o mundo esta cada vez mais rápido)
Não haverá tempo para olhar as flores
Com a música, somente o TIC-TAC incessante dos relógios
Atropelaremos o tempo ...não viveremos
(sobrevivência! Para quem conseguir...)
Seremos seres em conserva
Homens enlatados
Cérebros produzidos em escala industrial
Atos robotizados
Sentimentos congelados
E não lembraremos mais o significado de LIBERDADE".
(CREMONESI, 1994, p.107).

COMO A ESCOLA DEVERIA SER

Até aqui

> "a escola tem sido duramente criticada pelo fato de inibir a criatividade de professores e alunos através da imposição de padrões imutáveis, estruturas administrativas antidemocráticas e autoritárias, adoção de modelos e disciplinas rígidas, exigência de desempenhos específicos e predeterminados" (TAFAREL, 1985, p.10).

Isto tudo para apontar as lacunas que enxergo na educação escolar.

Em seguida comentarei alguns pontos que, ao meu ver, poderiam ser empregados, visando uma melhora no ensino, no que diz respeito à sua qualidade na formação dos alunos e sua dinamização.

A mudança do paradigma da Educação Física precisa ser pensada com mais empenho, pois, segundo o vídeo "descobrindo o futuro: o negócio dos paradigmas" (1989) o efeito paradigma cega as pessoas às novas oportunidades, a soluções criativas para os problemas. Ou seja, o professor acostuma e acomoda a dar sempre o mesmo tipo de aula, com atividades sempre semelhantes (para não dizer iguais) e utilizando os mesmos materiais.

Acontece que há múltiplas possibilidades de ação na Educação Física escolar e penso que o professor deveria aproveitar da diversidade de conteúdos, materiais e estratégias de aula. Assim, professor e alunos estariam sempre estimulando suas curiosidades, com novidades nas aulas.

Na opinião de ARANTES (1991, p.29) o professor, correspondendo à função de sua profissão, "... precisaria implementar o conteúdo, suscitar discussões, levar produção de conhecimento, ampliar o senso e espírito crítico de cada aluno". Isto implica em não só "'despejar conteúdo', mas trocar idéias e crescer com o aluno e fundamentalmente fazer desse um indivíduo ajustado e crítico"(ARANTES, 1991, p.29).

Creio que o aluno não deve aceitar tudo que lhe dizem sem questionar, pelo contrário, é importante que ele não fique apático, mas reflita no que ouve e pergunte sobre o que não entendeu.

> "O fundamental, segundo alguns estudiosos (...), é que se organize um contexto que dê aos alunos a possibilidade para que eles se aventurem, explorem, averiguem, expressem, descubram e provem por si mesmos, continuando a agir assim o resto da vida em um mundo em transformações" (TAFAREL, 1985, p.11).

De acordo com esta forma de pensamento o aluno está à mesma altura do professor, ou seja, ele pode se expressar, dar opiniões e deve ser ouvido e respeitado.

O professor deve procurar perceber quais os anseios e dificuldades dos alunos. Além disso, é necessário respeitar a individualidade do aluno: seu ritmo e tempo próprios.

O professor deve saber bem o que vai ensinar para discutir com os alunos, questioná-los. Sua presença continua indispensável, mas o importante não é como o professor ensina, é como o aluno aprende, ou seja, quais as facilidades e dificuldades que cada aluno apresenta nas tarefas.

Por isso o processo da aprendizagem deve visar não somente os resultados, já que às vezes uma execução com performance não está relacionada com aprendizagem. "(...) resultado 'correto' não é indício de que tenha havido necessariamente uma compreensão adequada de um determinado conteúdo" (LEITE, 1993, p.63).

O professor conhece as dificuldades, deficiências de cada aluno não para acentuá-las ou frisá-las e sim para ajudar a superá-las.

Quanto `a evolução, "a ordenação e seqüenciação do conteúdo deve ser elaborada de maneira que os conceitos mais gerais sejam apresentados no início do processo, avançando de forma progressiva para os conceitos mais específicos" (VELARDI, 1997, p.74).

A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR IDEAL

Sabemos a situação em que o ensino como um todo e, mais especificamente a Educação Física, se encontram nos dias atuais. Diante disso fica evidente a necessidade de mudanças. Consciente do desafio que isto representa, também tenho certeza dos benefícios que uma Nova Educação Física pode trazer.

Fica para o professor a responsabilidade de mostrar a necessidade, importância e qualidades da Educação Física na escola.

Ao invés de propor jogos em que vencer é o mais importante, torna-se mais interessante as atividades em grupo, com objetivos comuns e cooperação entre os alunos.

Segundo COLOMBIER (1989, p.89) " a classe não é mais um lugar que se tem que colocar em ordem, mas um lugar de vida onde a organização das atividades e a elaboração das regras permitem a cooperação".

Assim, deve-se estimular que todos alunos participem das aulas, ao contrário do que geralmente ocorre, que é o favorecimento dos ditos mais hábeis, mais ágeis, ou mais amados pelos professores.

Vários alunos não praticam a Educação Física na escola por motivo de dispensa médica, mas sabe-se que muitas vezes estes atestados são arranjados por eles para ficarem "livres" da aula, uma vez que ela se encontra demasiadamente repetitiva e descontextualizada.

Urge extrema necessidade de a Educação física tornar-se atraente para os alunos e a realização deste sonho cabe especialmente ao professor, que preocupado em estar melhorando cada vez mais suas aulas, faz um planejamento, esforça-se para diversificar o conteúdo e está atento ao retorno dos alunos.

Outras características também definem a Educação Física desejada. Negando a distribuição de papéis preponderante na educação atual, onde ao professor cabe a função de mandar e ao aluno obedecer, penso que a Educação Física Escolar deve estar contribuindo para a formação de seres críticos, criativos e conscientes.

Desta forma, os questionamentos e discussões significam uma importante atividade para a compreensão dos alunos quanto ao trabalho que estão realizando na Educação Física.

"Cria-se, assim, um espaço para refletir, questionar as ordens impostas, a passividade e a submissão" (CAVALCANTI, 1993, p.16).

Deve-se respeitar os conhecimentos prévios do aluno (a sua bagagem cultural) e a partir daí propor as atividades, lembrando que os gostos e habilidades são diferentes de uma pessoa para outra.

Quando o professor tem em mente que um aluno é diferente do outro, qualquer um poderá participar da aula pois deseja-se que sobressaia aquele que tem maior potencial.

Somente se a individualidade fôr respeitada, a igualdade existirá.

" Além disso, o interesse que os alunos têm pelo conteúdo, a adequação deste às tarefas e ao nível de desenvolvimento dos alunos em relação à proposta, parecem ter influência decisiva no enfoque dado pelos alunos" (VELARDI, 1997, p.69).

Ao invés de trabalhar somente um dos conteúdos da Educação Física (que são o esporte, o jogo, a dança e a ginástica), o importante é possibilitar vivências variadas.

A Educação Física enfrenta na escola o paradigma da aptidão física, tendo como parâmetro o esporte. Este é tido como que quase com exclusividade, o conteúdo durante todo o ano.

O esporte é um dos, e não o único conteúdo da Educação Física e por isso deve existir na escola, compartilhando o programa anual com os outros conteúdos.

Além disso, o esporte a ser tratado na escola, não deve ser a prática esportivizada, com treinamento da técnica e das táticas de determinada modalidade esportiva, mas deve ser o esporte da escola, com caraterísticas próprias, que extravasam o esporte de rendimento.

PAES (1996, p.143) orienta que a diferença básica entre as duas situações é que o esporte da escola "apresenta um conteúdo com tratamento pedagógico, considerando que, (...) é preciso levarmos em contas as necessidades e possibilidades dos alunos de cada série", enquanto "a prática esportivizada apresenta-se como uma atividade inócua, sem nenhuma preocupação com a formação do aluno".

Todos esses fatores devem contribuir para não a necessidade de freqüentes manifestação de agressão.

METODOLOGIA

Estudos como o de BELTRAME et.al (1995) mostram que a agressão é uma realidade na escola e que está mais presente no horário de recreio e em sala de aula.

Por isso, além de revisão bibliográfica sobre o tema, foi realizada pesquisa de campo, quando aulas de Educação Física para 5 ª. séries , em uma escola particular e duas públicas foram observadas e registradas por escrito para posterior análise.

Considerando as diversas concepções do comportamento agressivo, defini alguns parâmetros para as observações e análises da agressividade nas escolas.

MOSER (1991, p.14) adverte que "o pesquisador ao propor uma definição (de agressividade), tentará sistematizar esses processos, de modo que possa identificar, observar e medir o comportamento...".

Dentre os tipos de manifestação verbal adotei as discussões, que incluem o gritar, ameaçar verbalmente e xingar o professor ou um aluno.

Como agressividade física enquadrei as brigas com contato corporal que prejudicam a integridade física, ou seja, puxar cabelo, empurrar ou puxar alguém brutalmente, esmurrar e esbofetear.

Como agressividade moral foram classificados os gestos considerados imorais (obcenos) e as expressões faciais.

Algumas descrições de comportamentos agonísticos realizadas por JONES (1981) foram utilizadas para melhor esclarecimento de que manifestações estariam sendo consideradas.

Assim, SMITH & CONNOLLY (apud JONES, 1981, p.81) definem como ameaça (verbal) uma "ameaça de ataque indicada verbalmente ('sai do caminho', 'vou bater em você'), através de expressões".

Os mesmos autores definem briga como "comportamento agonístico envolvendo amplo contato físico" (p.81).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na primeira aula observada na escola que classifiquei como 1, pude levantar alguns pontos para discussão relativos à agressividade, mas além destes outras questões a respeito da Educação Física escolar foram muito vistas e por isso também serão comentadas.

A aula não foi ministrada pelo professor, mas por estagiários da Educação Física que estavam acompanhando a classe desde o início do semestre, ou seja, há quase um mês. O tema da aula não se diferenciou do que a professora vinha tratando, no entanto, conforme conversas com os estagiários, percebi que eles também estavam indignados com algumas coisas que estavam sendo feitas nas aulas anteriores e o objetivo deles era ir implantando modificações gradualmente.

Uma tentativa foi lançada nesta aula: ao contrário do que sempre ocorria (meninos ficavam de um lado jogando futebol e meninas de outro, jogando vôlei) eles propuseram atividades com ambos os sexos juntos.

O conteúdo era futebol, como de costume, mas algumas regras foram criadas afim de que as meninas também tivessem oportunidade de jogar. Uma delas, por exemplo era a seguinte: meninas podiam passar a bola para qualquer pessoa, mas os meninos podiam passar somente para as meninas.

No início os meninos reclamaram um pouco, mas as meninas ficaram realmente entusiasmadas e acabaram jogando, fazendo gol e comemorando.

Alguns alunos pareciam desestimulados e não participaram da aula. Eles ficaram andando por perto ou sentados assistindo à aula. De aproximadamente 33 alunos presentes, 10 não fizeram aula.

Percebi que esta era uma prática comum nas aulas. Sempre havia alunos fora da aula e eram geralmente os mesmo. Penso que isso não era uma simples coincidência.

Quanto à agressividade, o que estava fortemente presente a todo momento era o fato de os alunos ficarem falando o tempo todo, juntos e muito alto, a ponto de deixar os estagiários sem saber o que fazer para conseguir explicar as atividades.

Isto repetiu-se na segunda semana em que observei a aula de Educação Física. Mesmo estando próxima, em alguns instantes não dava para entender o que os alunos estavam dizendo devido ao excesso de rumor.

Os alunos pareciam não conversar uns com os outros, mas gritar.

A expressão "cala a boca" foi a mais pronunciada durante o jogo de futebol, mas outras agressões verbais também foram ouvidas.

Uma menina xingou um menino de "besta" pois ele não parava de perturbá-la, outro menino xingou uma menina de "tonta" e "idiota" pois ela não demonstrava agilidade no jogo. Meninos continuaram blasfemando contra as meninas com expressões: "vamos, galinhada!", "mula, lazarenta" e "caralho".

Também presenciei agressão física, pois também durante o jogo um menino deu um empurrão em outro.

Talvez a situação de jogo e o alto número de alunos favoreçam um alto índice de agressões.

Na terceira aula, por exemplo, a professora juntou duas turmas, inclusive de séries diferentes, resultando em mais de cinqüenta alunos.

Nem dava para saber quais alunos eram da 5ª e quais eram da 6ª série e o número de alunos que ficou fora da atividade proposta pela professora foi maior ainda que nas aulas anteriores. Havia um grupo de meninas jogando vôlei na grama, e outro na quadra, meninos jogando futebol na outra quadra e algus sentados.

Como estavam muito dispersos, ficou difícil observar cada manifestação agressiva.

O interessante é que o conteúdo desta aula foi diferente: salto em altura do atletismo. Entretanto, ficou claro que a modificação foi de última hora, mostrando que a professora não segue um programa.

Além disso, o objetivo da aula era o rendimento, pois a professora anotava no diário o nome dos alunos que saltavam "melhor" (mais bonito ou mais alto).

Na última semana que fui à escola 1 a professora de Educação Física havia faltado e não tinha deixado nenhum recado para os estagiários que lá estavam. Ela não avisou a direção de que eles poderiam dar aula e, como não tinham autonomia para isso, a inspetora não queria deixá-los ministrarem aula, apesar de eles quererem e os alunos também.

Não deixaram os estagiários pegarem material, mas alunos conseguiram uma bola emprestada de alguém e os estagiários propuseram-se a dar aula assim mesmo.

Como estavam acostumados, os alunos queriam somente jogar futebol, mas com esforço, os estagiários conseguiram convencê-los a realizar outras atividades e jogar futebol no final da aula e a aula transcorreu-se até que bem.

Como manifestações agressivas, ocorreram os xingamentos durante as atividades, que envolviam corrida. Um aluno chamou um outro de "mula" várias vezes pois ele não corria muito rápido.

Já no primeiro dia em que acompanhei a aula na escola 2 pude perceber que algumas coisas assemelhavam-se à escola 1 e outras eram bem diferentes.

A divisão entre meninos e meninas nas aulas de Educação Física era ainda mais marcante nesta escola. Eles freqüentemente não faziam aula juntos e tinham professores diferentes. Além disso, para os meninos, havia um professor e para as meninas, uma professora.

Excepcionalmente, por coincidência ou não, na primeira aula que assisti, os professores juntaram os dois grupos e levaram os alunos para fazer uma caminhada próximo à escola. Havia 16 meninas e 13 meninos.

Esta foi a primeira aula do dia, pois eles realizam as duas aulas da semana no mesmo dia, uma em seqüência da outra.

Neste primeiro momento os alunos não demonstraram nenhum tipo de agressão. Todos estavam muito alegres e deixando claro a modificação no estilo de aula.

Após voltarem para a escola, o conteúdo da aula foi vôlei e então houve a divisão por sexo. Durante o jogo um menino falou para outro "cala a boca, gordo". O professor não estava peto, não ouviu, e conseqüentemente, não manifestou-se.

Outras agressões verbais também ocorreram até o fim do jogo, que foram os xingamentos de um aluno contra outro: "seu burro", "moleque jumento".

Mais uma vez professor não tomou nenhuma providência a respeito disso.

Na segunda aula, também separada por sexo, não notei nenhum comportamento agressivo por parte das meninas, no entanto, outros aspectos chamaram minha atenção.

Após um alongamento, as meninas foram jogar vôlei e, assim como na escola pública, muito tempo foi gasto para montar a rede, sendo que, a meu ver, ela já poderia ter sido montada antes da aula pelo professor, ou que pedisse ajuda para mais de um aluno para agilizar.

Além disso, outro ponto negativo foi que, apesar de haver 17 alunas nesta aula, 6 delas ficaram fora do primeiro jogo, pois na visão da professora, vôlei só poderia ser jogado com seis em quadra.

Isto acarreta que, grande parte da aula as alunas ficam sentadas, sem participação.

Na semana seguinte foi feriado e, obviamente, não teve aula.

Fui na próxima semana e também não teve aula. O motivo, que me deixou indignada, foi a utilização da aula de Educação Física para os alunos fazerem prova de outra disciplina.

Na terceira aula a que assisti havia 14 meninas e 13 meninos. O conteúdo também foi vôlei para as meninas e futebol para os meninos.

Mais uma vez, grande parte do tempo (aproximadamente metade da aula) foi utilizada para organizar a turma e montar a rede. O velho método de definir times também repetiu-se: três pessoas escolhendo as que querem em sua equipe e enquanto dois times jogam o outro fica esperando.

Esta aula realizou-se com música de fundo e as alunas adoraram esta idéia, entretanto, o som dificultou que eu ouvisse o que as alunas falavam.

Na madrugada do quarto dia de aula na escola 2 havia chovido e então a quadra estava molhada. O conteúdo da aula das meninas foi caminhada pelo bairro e os meninos ficaram fazendo alguns jogos no pátio.

Depois que as meninas voltaram pra a escola, foi realizado uma brincadeira chamada de "stop" ou "alerta". Houve grande entusiasmo por parte das alunas e envolvimento na brincadeira, não ocorrendo nenhuma manifestação agressiva.

Na terceira escola acompanhada repete-se o caso da primeira.

Já na primeira aula percebi que muitos aspectos se repetiam de uma escola para outra e estes eram justamente os pontos negativos encontrados na escola, levando-me a supor que o caos da Educação Física está tornando-se geral, não sendo exclusividade de uma escola e mais do que isso, atingindo também escolas particulares.

Nesta aula havia 30 alunos de ambos os sexos, mas estavam separados. As meninas jogavam vôlei na grama e os meninos futebol em uma quadra de cimento.

Os espaços de aula estavam muito mal preservados, com postes sem lâmpadas,

paredes pixadas, quadras sem pintura das linhas de limitação e sem grama em algumas partes.

As alunas discutiam entre si, dizendo para prestar mais atenção no jogo. Uma aluna gritou e bateu no braço de um aluno que estava apitando e marcando o jogo.

A professora não dava nenhuma orientação para os alunos durante a aula e não interferia nos momentos de manifestações agressivas.

A professora em vários momentos perguntou o nome dos alunos, comprovando que, assim como na escola 1, professores e alunos não se conhecem. Os alunos chamam as professoras de "dona" e não pelos nomes delas.

Outro aspecto negativo encontrado novamente foi a rotina dos professores "puxarem aula". A professora adianta uma aula para poder sair mais cedo, esquecendo-se ou pouco importando-se com seu compromisso com a escola e que ela é uma educadora. Como formadora de opiniões, seus exemplos serão notados pelos alunos. Se ela não respeita o horário e a instituição, poderá pedir que os alunos o façam?

Isto reflete-se nos comportamentos dos estudantes. Enquanto a professora dava aula para a 5ª série, alguns de outras séries ficavam perturbando-a. Quando a professora afastou-se momentaneamente do local um aluno da 6ª série ficou chutando os postes de iluminação com o intuito de quebrar as lâmpadas. Ele conseguiu e depois, quando a professora aproximou-se ele fugiu. A professora teve que varrer a quadra.

Ela exclamou: "a gente tem que ser meio polícia aqui".

Na segunda semana, quando cheguei à escola, ela estava vazia e silenciosa. Logo a professora de Educação Física contou que praticamente todos os alunos estavam em um passeio. Restaram dez alunos de todas as turmas na escola, então a professora deixou-os livres na quadra.

Como agressividade verbal, observei alunos blasfemando contra outros durante o jogo. Um aluno gritou com uma menina para ela pegar a bola. Esta respondeu: "cala a boca" e, como ele continuasse a irritá-la, ela disse: "cuida da sua vida que cuido da minha" e ele respondeu "vai à merda".

A professora somente pedia para que eles jogassem mais e falassem menos.

Dez minutos antes de terminar a primeira aula a professora dispensou os alunos e retirou a bola, apesar de eles quererem continuar jogando.

A professora foi embora mais cedo (como na semana anterior) e relatou para mim que adiantaram três aulas para irem embora antes.

Isto demonstra que a Educação Física não passa de uma enrolação e que, apesar de o Estado pagar pouco por cada aula, no fim os professores acabam recebendo por aulas que nem deram.

Isto confirmou-se na semana seguinte, pois estava chuviscando e não houve aula de Educação Física, apesar de haver um pátio coberto que, a meu ver, poderia ser utilizado. Além deste motivo a professora alegou que eu não veria aula da 5ª série, pois ela havia adiantado e eles tiveram aula junto com outra série.

A terceira aula foi ainda mais sem direção e orientação da professora, pois segundo ela já havia encerrado o terceiro bimestre (era dia 6 de outubro) e as atividades do próximo iniciariam somente depois dos feriados.

Os alunos dividiram-se como de costume: meninas no vôlei e meninos no futebol. Percebi um grande interesse de alguns meninos em jogar vôlei e de algumas meninas pelo futebol, pois ficaram pedindo para eu dar aula e proporcionar esta vivência, pois tanto as meninas não deixavam que os meninos participassem do vôlei com elas, dizendo que eles eram muito violentos, quanto alguns meninos não gostavam de jogar futebol com meninas, alegando que elas eram "pernetas".

Um menino chamou o outro de "seu bicha" e este reclamou "bicha é você".

Uma menina xingou bastante um menino que queria jogar com elas, usando as expressões: "moleque fedorento, besta".

Os alunos gritavam muito uns com os outros e a frase "cala a boca" foi pronunciada três vezes.

Na quarta aula acompanhada, a indicação da professora era que os alunos estavam "livres" (novamente) pois esta semana praticamente não estava tendo aula, devido aos feriados de 12 e 15 de outubro.

Haviam alunos de várias classes no pátio e nas quadras. As meninas ficaram jogando vôlei e os meninos no tênis de mesa.

Houve uma manifestação de agressividade moral, quando uma menina "mostrou o dedo" para um menino que estava perturbando-a verbalmente.

A pesquisa em aulas de Educação Física confirmou que "na escola, o que ocorre normalmente são brigas sem importância e sem maiores conseqüências, que duram apenas segundos. O motivo quase sempre é a disputa por brinquedos". No caso da 5ª série, a disputa são por objetos, como bolas.

Ficou comprovado também que o nível de agressividade varia de uma pessoa para outra. Na escola 1 ficou claro que entre as meninas uma destacava-se muito mais, como se fôsse a líder. Ela aparentemente era a mais agressiva, pois xingava os outros com palavrão e entrava em discussões de outros alunos (tanto de meninos como de meninas) para defender alguém.

Penso que a agressividade dos alunos está relacionada ao ambiente escolar: as relações (refletidas no modo como o professor trata os alunos, como é visto pela direção, como lida com outros professores), na estrutura organizacional (regulamentos) e fisica (espaços).

Conforme comentado no capítulo 3, professores autoritários deparam-se com mais comportamentos agressivos por parte dos alunos, escolas que parecem com prisões freqüentemente são alvo de destruições...

Nas escolas pesquisadas isto comprovou-se. As escolas 1 e 3, públicas, com uma estrutura escolar rígida, sob o ponto de vista de regulamentos, o índice de manifestações agressivas foi maior do que na escola 2.

Na escola 1, o número total de manifestações agressivas foi 9; na escola 2 o índice foi 3 e na escola 3, foi 7.

Em todas as escolas acompanhadas o maior índice de manifestações agressivas eram verbais.

Estes dados podem ser observados nas figuras 1, 2 e 3, a seguir.

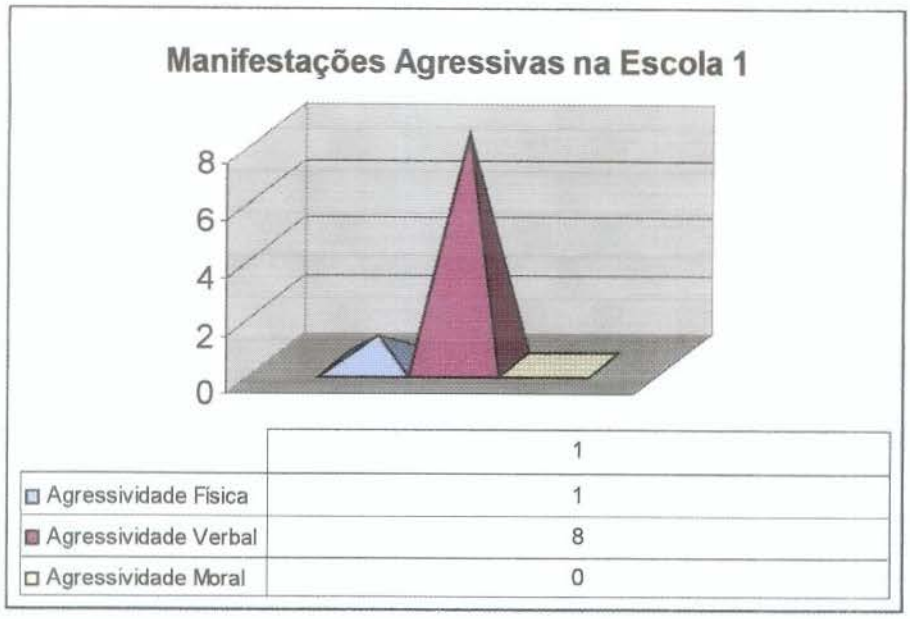

Fig. 1: Manifestações Agressivas na Escola1.
Este gráfico ilustra o índice de manifestações agressivas de cada tipo, na escola1.
Nesta escola ocorreu uma manifestação física, oito verbais e nenhuma moral

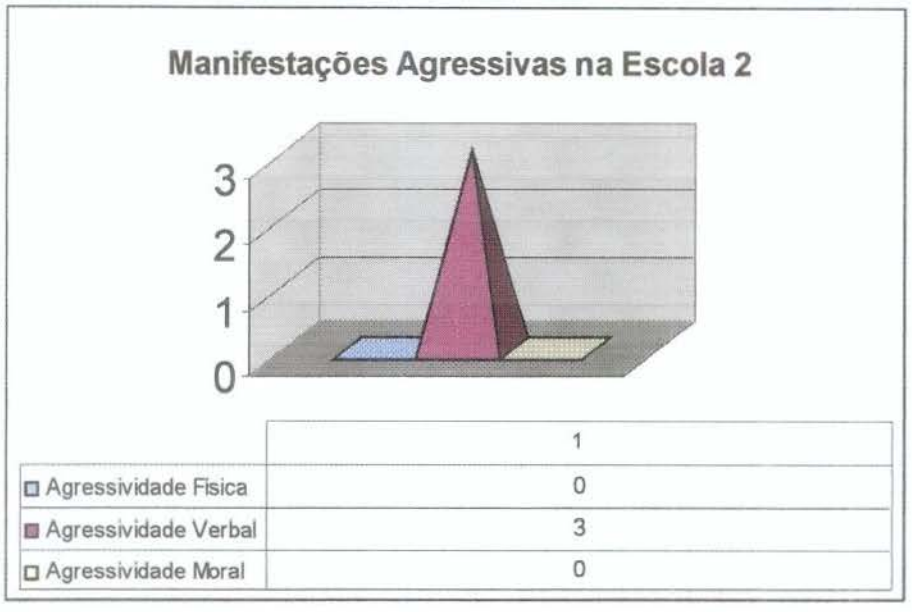

Fig. 2: Manifestações Agressivas na Escola 2.
Este gráfico ilustra o índice de manifestações agressivas de cada tipo, na escola2.
Nesta escola ocorreram três manifestações verbais, nenhuma física e moral.

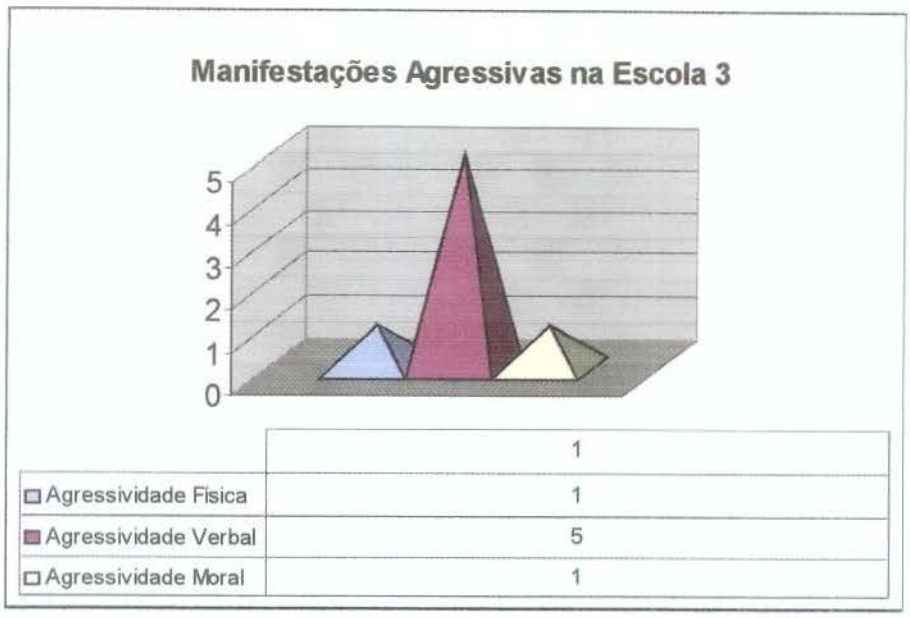

Fig. 3: Manifestações Agressivas na Escola 3.
Este gráfico ilustra o índice de manifestações agressivas de cada tipo, na escola3. Nesta escola ocorreu uma manifestação fisica, cinco verbais e uma moral

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme anunciado por BELTRAME et.al. (1995, p.52) e comprovado nas pesquisa nas escolas, "a agressão existe no ambiente escolar, não podemos simplesmente ignorá-la".

Ao invés de negá-la e tentar exterminá-la através de punição aos alunos agressivos, penso que o professor precisa buscar entender os motivos das agressões e tentar resolvê-los através do diálogo. Como aponta BELTRAME et.al. (1995, p.63), o professor poderá estar "... contribuindo assim para a minimização do problema, possibilitando ser a escola um local de melhoramento das relações interpessoais de diferentes grupos de alunos".

Mas isto não é o que tem sido feito, como descrito no capítulo anterior.

Creio que outros apontamentos também são necessários, apesar de não referirem-se diretamente à agressividade.

Na Educação Física, pelo menos nestas escolas pesquisadas, prevalece ainda a utilização dos esportes, geralmente os coletivos, e, pior ainda, encontra-se o rendimento como objetivo.

Continua-se "gastando" muito tempo para o início da aula e terminando mais cedo. Isto tanto na escola pública como particular.

Vários alunos ficam fora da aula, seja por vontade própria ou por meios de seleção de times que excluem alguns.

O sexismo está muito presente em diversos momentos. A escola, conforme indica DELAMONT (1985, p.31) "fortalece esses estereótipos em vez de os pôr à prova".

Nas escolas públicas, o professor não segue um programa de aulas; as atividades são decididas no momento da aula. Na escola 2, particular, apesar de os professores tentarem seguir um planejamento semestral, este não é organizado por eles, mas vem de outra escola, de outra cidade, com contexto e alunos diferentes.

Estas situações revelam a banalização que a Educação Física escolar vem sofrendo e levam-me instigam-me a lutar por "dias melhores".

Conforme indica OLIVEIRA (1991, p.05), vimos tentando construir um castelo na areia, mas este sente-se sempre ameaçado pela maré. Para que este castelo fique pronto, necessitamos fortificar sua estrutura, construindo-o com materiais sólidos.

Acredito que nós professores, não deveríamos ficar parados num conhecimento primeiro das coisas que dizem respeito a nossa área, a fim de possibilitarmos aos alunos dentro da escola, o conhecimento elaborado, sistematizado, que ele não encontraria em outro lugar, senão na escola.

Por isso um constante estudo e busca por aperfeiçoamento em cursos é de extrema necessidade. O profissional pode até olhar estes livros, que mais parecem com manuais, mas com um olhar crítico, somente para conhecer o que está sendo feito por outras pessoas e não para imitar, aplicar sem nenhuma adaptação.

A própria atuação do professor deve ser bem pensada, pois ele atua como modelo para os alunos, alguns até como ídolos das crianças. Assim sendo, os atos dos professores serão imitados pelos alunos não somente na aula, mas também fora dela.

O professor que dá exemplos de manifestações agressivas no tratamento de seus alunos ou de qualquer outra pessoa, influencia a sua formação, assim como a educação de pais autoritários, que ensinam sempre através de tapas e castigos, estão estimulando seus filhos a agirem da mesma forma.

A atuação responsável dos professores também pode ir mudando a visão negativa que outras pessoas têm de nossa área.

Mas para que isso seja possível precisamos recuperar o prazer do professor em ensinar e dos alunos em ir às aulas, lembrando do que SNYDERS (1993) afirma: a alegria na escola deve existir, e não deve ser momentânea.

"Pois ser mestre é isso: ensinar a felicidade", nos diz ALVES (1994, p.11).

Ao contrário da situação conhecida de professor-castrador ou professor-deformador, é preciso formar mais educadores.

Conforme relata ALVES (1995, p.14) "professor há aos milhares. Mas o professor é profissão, não é algo que se define por dentro, por amor".

Ele continua denunciando: "educador, ao contrário, não é profissão; é vocação".

Por tudo isso, insisto que professores devem refletir no que estão fazendo em suas aulas, para não corrermos o risco de sermos os responsáveis pelos "atos robotizados" e "sentimentos congelados", aos quais CREMONESI (1994, p.107) refere-se.

Sei que

> "tudo isso envolve uma mudança de mentalidade que é algo lento, envolve mudanças de atitudes, o que

> obviamente implica uma intenção das pessoas que trabalham na escola, e por isso tem a ver com a formação de professores..."(FISCHMANN, 1991, p.20).

No entanto, "em quaisquer circunstâncias a vida toma muito para ter o bastante, é preciso que a imaginação tome muito para que o pensamento tenha o bastante, é preciso que a vontade imagine muito para realizar o bastante" (BACHELARD, apud FISCHMANN, 1991, p.20).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERASTURY, Arminda et. al. *Adolescência*. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 4ª edição, 1985.

ADORNO, Sérgio. *Violência: um retrato em branco e preto*. In: GROSBRAUM, Elena. et. al.Violência: um retrato em branco e preto, Série Idéias número 21, São Paulo: FDE Diretoria Técnica, 1994.

ALVES, Rubem. *A Alegria de ensinar*. São Paulo: Ars Poetica, 1994.

_____. *Conversas com quem gosta de ensinar*.São Paulo: Ars Poetica, 1995.

ARANTES, A .C. *Educação Física Infantil nas Escolas de Habilitação de Magistério nas Escolas Públicas de São Paulo*. In: Revista Paulista de Educação Física, vol.5, nº.1, jan/dez 1991.

BASTOS, Lane . FELDENS, M. MARTINS, I. PEREIRA, J. & RODRIGUES, R. *Como você usa o castigo em sua sala de aula*. In: Revista Nova Escola, número 11, p.20-21, 1987.

BELTRAME, Valmir, et. al. *Agressividade escolar*. In: Revista Kinesis, número 18, p.51-75, 1995.

BOTTASSO, Rosalina. *Agressividade: importante tempero da vida*. Revista Família Cristã, número 642, junho de 1989.

BRITO, Sílvia. *O desprazer que é a escola*. Trabalho de especialização. Mogi Mirim, 1992.

CARLINI, Alda L. *A educação e a corporalidade do educando*. In: Revista Discorpo, n º 4, São Paulo, 1995.

CASTELLANI F, Lino. *Educação Física no Brasil: a história que não se conta*. Campinas: Papirus, 1994.

CAVALCANTI, Enock. Aqui *a ordem é menos competição, mais diversão*. In: revista Nova Escola, ano VIII, n º 71, p.16 e 17, 1993.

CAVALEIRO, Maria C. *Pré-escola: palavra e ação. Necessidade, possibilidade ou direito da infância?* Trabalho de especialização, Campinas, 1991.

CECCON, Claudius, OLIVEIRA, Miguel & OLIVEIRA, Rosiska. *A vida na escola e a escola da vida*. Petróplis: Vozes e IDAC, 1985.

COLOMBIER, Claire & MANGEL, Gilbert. *A violência na escola.* São Paulo: Summus, 1989.

CREMONESI, Lara. *Século XXI.* In: Presença poética: antologia de poemas de alunos, pais, funcionários e professores do Colégio Anglo Campinas, volume IV. Campinas: Moara, 1994.

DEBESSE, Maurice. *A adolescência.* 3 ª edição. Lisboa: Europa-América, 1946.

DELAMONT, S. *Os papéis sexuais e a escola.* Lisboa: Livros Horizonte, 1985.

DIAS, Katia Pedreira. *A Educação Física como fator de diminuição da agressividade em menores carentes.* (Dissertação de mestrado). Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, 1990.

ENDERLE, Carmen. *Psicologia da adolescência: uma abordagem pluridimensional.* Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

FISCHMANN, R. *Realidade da Educação Física Escol*ar. In: Revista Paulista de Educação Física, vol.5, n ° 1, jan/dez 1991.

FONTANA, Ana L. *Educação Física Escolar: "O direito da criança ao respeito".* Trabalho de especialização, Campinas, 1989.

FREIRE, João B. *Antes de falar de Educação Motora.* In: DE MARCO, Ademir (org). Pensando a Educação Motora, Campinas: Papirus, 1995.

_____.*Da criança, do brinquedo e do esporte.* In Motrivivência, número 4, 1993.

_____. *Educação de corpo inteiro.* São Paulo, Martins Fontes: Scipione, 1989.

_____. *O Consrutivismo e o Sociointeracionismo: As outras Àreas do conhecimento*: *Educação Física.* In: LOPES, Maria Zilda C. et.al. Alfabetização: passado, presente, futuro.Série Idéias, número 19, São Paulo: FDE Diretoria Técnica, 1993.

FURTER, P. *Juventude e Tempo.* Petróplis: Vozes, 1975.

GUIMARÃES, Áurea M. *A dinâmica da violência escolar: conflito e ambigüidade.* Campinas: Autores Associados, 1996.

GUIMARÃES, A. L. *Autoritarismo e violência simbólica na Educação Física escolar-representação de alunos de escolas públicas.* (Dissertação de mestrado) Universidade Gama Filho, 1994.

HOLANDA, C. *Brejo da Cruz.* In: SALGADO, S. " Terra". São Paulo: Companhia das

Letras, 1997.

JONES, Nicholas B. *Estudos etológicos do comportamento da criança.* São Paulo: Pioneira, 1981.

LAGÔA, Ana. *A confusão entre autoridade e autoritarismo ou A pedagogia do Chinelo.* In: Revista Nova Escola, ano V, n ° 45, p.18-22, 1990.

LAGÔA, Ana et. al. *Gangues Juvenis.* Revista Nova Escola São Paulo, ano VIII, número 66, p.10-17, 1993.

LAPIERRE, A. & ACOUTURIER,B. *Fantasmas corporais.*São Paulo: Manole, 1984.

LEITE, Luci B. *As Interações Sociais na Perspectiva Piagetia*na. In: BORJA, Amélia de. Et.al. Construtivismo em revista. Série Idéias, número 20, São Paulo: FDE Diretoria Técnica,1993.

_____. *Considerações Sobre as Perspectivas Construtivista e Interacionista em Psicologia:* O Papel do Professor. In: LOPES, Maria Zilda C. et. al. Alfabetização:passado, presente, futuro. Série Idéias, número 19, São Paulo: FDE Diretoria Técnica, 1993.

MOSER, Gabriel. *A agressão.* São Paulo: Editora Ática, 1991.

NOGUEIRA, Nilcéia. *Como lidar com a criança agressiva.* In: Revista Nova Escola, ano I, n ° 4, p.24-27, 1986.

ODALIA, Nilo. *O que é violência.* São Paulo: Editora Brasiliense, 6ª edição, 1991.

OLIVEIRA, J.G. *Educação Física Escolar: construindo castelos de areia.* In: Revista Paulista de Educação Física, vol.5, n ° 1, jan/dez 1991.

ORLICK, Terry. *Vencendo a competição.* São Paulo: Círculo do Livro S.A, 1978.

PAES, Roberto R. *Educação Física Escolar: o conteúdo como conteúdo pedagógico do ensino fundamental.* Tese doutorado, Campinas, 1996.

PALÁCIOS, Jesus. *O que é adolescência.* In: ?

PICCOLO, Vilma L. N. *Atividade física como proposta educacional para a primeira fase do primeiro grau.* Dissertação de Mestrado, Campinas, 1988.

PIRES, Cecília. *A violência no Brasil.* São Paulo: Ed. Moderna, 1985.

PORTO, Eline, FIAMENGHI, Maria C. & WINTERSTEIN, Pedro. *Reflexões sobre os fenômenos agressivos e o esporte.* Revista Metropolitana de Ciências do Movimento Humano, FMU, AnoIII, número 03, 1997.

SHIGUNOV, Viktor. *Influência da matéria de ensino e a intervenção pedagógica nas atitudes dos alunos em aulas de Educação Física.* Volume 1, S UTL, Lisbos,

Doutorado, 1991.

SNYDERS, Georges. *Alunos felizes: reflexões sobre a alegria na escola a partir de textos literários.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

SOARES, Carmem L. *Função da Educação Física escolar.* In Motrivivência, número 4, 1993.

SONS, 1968.

STEINER, Maria Helena F. *Quando a criança não tem vez: violência e desamor.* São Paulo: Pioneira, 1986.

STORR, Anthony. *La Agressividad Humana.* Madrid: Alianza Editorial S.A, 1991.

TAFAREL, Celi. *Criatividade nas Aulas de Educação Física.* Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.

TIBA, Içami. *Puberdade e adolescência: desenvolvimento biopsicossocial.* São Paulo: Ágora, 1986.

VELARDI, Marília. *Metodologia de ensino em Educação Física: proposta fundamentada à luz da experiência vivida e das teorias construtivistas.* (Dissertação de Mestrado). UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, 1997.